

# VACINAÇÃO E HOMEOPATIA

Stefânia Daniela Ferreira de Souza<sup>1</sup>;  
Gabriel Domingos Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** *A doutrina homeopática considera os aspectos biopsicossociais do adoecimento, incorpora a relação terapeuta e paciente como principal elemento de sua competência e prioriza o sujeito doente desconsiderando a doença. A saúde e a doença são desde os tempos mais remotos uma construção de significações sobre a natureza, as funções e a estrutura do corpo e ainda sobre as relações corpo-espírito e pessoa-ambiente. Saúde e doença não são estados ou condições estáveis, mas sim conceitos vitais, sujeitos à constante avaliação e mudança. Muitos profissionais de saúde desconsideravam os componentes emocionais, mentais, sociais e espirituais que compõem as peculiaridades humanas. Homeopatas advertem que o surgimento de doenças crônicas relaciona-se com vacinose e supressão de doenças agudas da infância; alguns acreditam que a vacina possui o mesmo princípio de similitude da Homeopatia e outros alegam que as vacinas não são eficazes e que geram sicutização e desumaniza os serviços de saúde. Há também aqueles que condenam a vacinação em toda linha, afirmando que a vacina perturba profundamente a saúde do indivíduo como uma doença grave. Várias hipóteses e contradições são levantadas dentro da Homeopatia sobre a vacinação sem que haja consenso. Em contrapartida, a vacinação é*

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Farmácia - UNIVIÇOSA, Viçosa, MG; e-mail: steferreiral6@hotmail.com; <sup>2</sup>Professor do Instituto Federal Norte de Minas Gerais – IFNMG - Campus Salinas, MG; e-mail: gabriel.carvalho@ifnmg.edu.br

*uma forma de reduzir índices de mortalidade e morbidade de doenças endêmicas e epidêmicas.*

**Palavras-Chaves:** *vacinação; Homeopatia; saúde; doença; vacinose.*

### **Introdução**

A Homeopatia é uma ciência que considera a enfermidade como uma desarmonia interna recorrente de um desequilíbrio da energia vital. Essa energia é responsável pela manutenção da vida, sendo parte integrante de um composto substancial que inclui o corpo, a mente e o espírito do homem. Essa desarmonia provém de perturbações de outras formas de energia que podem ser físicas, como as radiações; químicas, como medicamentos alopáticos; biológicas, como vírus; e psíquicas, como pensamentos negativos (LOPES, 2008).

O princípio básico da vacinação consiste em inocular no organismo sadio os agentes patogênicos, ou parte deles, ou ainda suas toxinas, devidamente alterados, a fim de ser destruída a toxicidade desses agentes, mas não a antigenicidade (capacidade de despertar a resposta imune do organismo). O sistema imune produz anticorpos que reconhecem o agente invasor e o neutraliza por meio de reação antígeno-anticorpo, de forma que, diante de uma cepa selvagem, prontamente são capazes de produzir anticorpos contra essa rapidamente (CARVALHO, 2008).

A simples exposição a patógenos microbianos na infância, mesmo na ausência de infecção, é suficiente para conferir proteção contra doenças alérgicas. Essa hipótese justifica o aumento de doenças alérgicas (asma, rinite, eczema atópico) e a maior incidência de doenças crônicas (Diabetes Mellitus tipo 1, herpes etc.). As vacinas contêm inúmeras substâncias tóxicas

como o alumínio (sulfato ou hidróxido), que promovem efetividade com toxicidade neurológica e respiratória; o formaldeído, usado para inativar os vírus cancerígeno; e o mercúrio (time-ro-sal), usado como preservativo neurotóxico e vários antibióti-cos (Anfotericina B, Neomicina, Kanamicina). É praticamente impossível eliminar todas as substâncias com as quais a vacina entrou em contato durante sua produção (AZAMBUJA, 2006).

### **Revisão de Literatura**

A palavra vacina vem do latim *vaccinus*, de *vacca* (vaca); sua origem está relacionada à descoberta do médico inglês Edward Jenner, que percebeu que algumas mulheres que orde-nhavam vacas eram imunes à varíola, por terem se contamina-do com o vírus cowpox, doença benigna do gado semelhante à varíola (BRASIL, 2010).

A prática da vacinação com o intuito de proteger a huma-nidade contra as doenças apresenta longa história. Os primei-ros registros dessa prática, que recebeu o nome de varioliza-ção, remontam aos chineses, sendo seu primeiro registro no séc.XI com o livro “O tratado correto da varíola”. Atribuído a uma religiosa budista, o conteúdo do livro remete à seleção de crostas a partir de pacientes que apresentavam quadro brando de varíola, que, depois de secas e moídas, eram sopradas para dentro das narinas dos indivíduos sadios (SCHECHTER; MA-RANGONI, 1998).

Em 1925, surgiram os toxoides tetânico, o diftérico e a vacina antipertussis. Em 1937, surgiu a vacina contra a febre amarela. Salk lançou a vacina antipólio, inativada em 1954, e, dois anos após, Sabin criou a vacina atenuada para uso oral. Em 1966, surgiu a contra rubéola; no ano seguinte, a contra a caxumba; e, em 1975, contra a hepatite B (NETTO, 1996).

A Homeopatia, desde a origem, em 1796, adverte sobre o tratamento inadequado de doenças agudas da infância, considerando esses sintomas suprimidos os responsáveis pelas doenças crônicas futuras. Burnett alertou, com sua teoria das vacinoses, para o surgimento de doenças crônicas após vacinação. Homeopatas franceses, buscando explicações fisiopatológicas das doenças crônicas, descobriram que essas estavam relacionadas com deformidades do Sistema Reticulo Endotelial, atribuindo as manifestações sintomáticas aos efeitos patogênicos da vacina (TEIXEIRA, 2003).

Hahnemann reconheceu o sucesso do método de Jenner, atribuindo a variolização como princípio de semelhança. As vacinas, pelos médicos-homeopatas, são consideradas inefetivas, insuficientemente atenuadas e por isso acarretam ocasionalmente eventos lamentáveis, tendo por inútil o gasto realizado com a maior parte das vacinas. Esses médicos consideram a obrigatoriedade contrária a liberdade humana de se dispor de seu próprio corpo e ressaltam que a Homeopatia conta com recursos preventivos, demonstrado pelos nosódios (preparados a partir de produto patológico de origem animal ou vegetal) (NETTO, 1996). Wolf, Boenninghausen e Hering observaram que a vacinação de Jenner podia gerar no homem um miasma crônico e que cada vacina tem seus sintomas agudos, latentes e crônicos (OLIVEIRA, 2009).

Alguns homeopatas defendem a individualização na vacinação e acreditam ser necessárias apenas vacinas contra o tétano, a difteria e a poliomielite, em razão da gravidade dessas doenças ou porque a isopatia se parece com a homeopatia. Esses defendem a vacinação como um mal necessário, mas reconhecem que o nosódio vivo homeopático proporciona os mesmos resultados sem o risco das vacinoses (NETTO, 1996).

Vithoukias (1981) condena a vacinação em todas as instân-

cias: não a considera como aplicação da lei dos semelhantes, por ser administrada a populações inteiras sem que se estude as individualidades; e afirma que perturba profundamente a saúde do indivíduo, tanto quanto uma droga alopática ou uma doença grave, por mudança de faixa eletromagnética, concluindo por sua inutilidade e nocividade (AZAMBUJA, 2006).

A exposição do indivíduo à vacina tem que ser o mais semelhante possível à exposição da doença. Não existe uma vacina ideal, ou seja, plenamente eficaz e isenta de reações adversas. Na população existe enorme variabilidade genética, o que confere ao indivíduo diferente capacidade de responder a um agente vacinal. Por isso, nenhuma vacina apresenta 100 % de proteção (ENGEL et al., 2008).

### **Considerações Finais**

Varias hipóteses e contradições são levantadas dentro da Homeopatia sobre a vacinação sem que haja um consenso. Em contrapartida, a vacinação é uma forma de reduzir os índices de mortalidade e morbidade de doenças endêmicas e epidêmicas.

Não basta combater as doenças infecciosas com imunizações e destruir os agentes patogênicos. A cura e prevenção de qualquer enfermidade consistem em uma mudança interior, nos vários níveis de consciência do ser, pois indivíduos equilibrados não adoecem.

### **Referências**

AZAMBUJA, L. M. S. Vacinas: uma postura homeopática. Piracicaba: Centro de Estudos Avançados em Homeopatia, 2006.

- BRASIL. Ministério da Saúde. A História das vacinas: uma técnica milenar. Disponível em: <<http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/pdf/M7.pdf>>. Acesso em: 16 de abril de 2011
- CARVALHO, D. C. Patologia geral. Apostila – Enfermagem. Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Viçosa, 63f., 2008.
- ENGEL, C. L. et al. Pediatria/Imunologia. Rio de Janeiro: Editora MedWriters, 2008. v. 4
- LOPES, R. C. Curso de Homeopatia. 1ª etapa. Apostila – Programa de extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2008. 41p.
- NETTO, J. C. Vacinação: uma controvérsia. 1996. 17 f. Monografia (Curso de Homeopatia) - Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, 1996.
- OLIVEIRA, O.T. Homeo-Profilaxia. Encontro mineiro de homeopatia. Minas Gerais, 2009.
- SCHECHTER, M; MARANGONI, D. V. Doenças infecciosas: conduta, diagnóstico e terapêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- TEIXEIRA, M. Z. Fundamentação imunológica da teoria homeopática das vacinoses. Rev. de Homeopatia, v.68, n.1-2, 2003.